

**ALIMENTAÇÃO E SAÚDE NO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAJANTES EUROPEUS OITOCENTISTAS****FOOD AND HEALTH IN RIO GRANDE DO SUL FROM NARRATIVES OF NINETEENTH-CENTURY EUROPEAN TRAVELERS**Everton Luiz Simon<sup>1</sup>Eliane Cristina Deckmann Fleck<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto busca identificar e analisar as relações entre saúde e alimentação no Rio Grande do Sul oitocentista, a partir das narrativas de quatro viajantes europeus, dois franceses e dois alemães, a saber, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant, que percorreram diferentes regiões desta província, no período que se estende de 1817 a 1858. Buscamos identificar os pressupostos médicos nos quais os viajantes se basearam para considerar determinada região (in)salubre, bem como quais os alimentos e/ou práticas alimentares que estavam, segundo eles, associadas a certas doenças ou, então, a práticas de cura. As narrativas analisadas foram a obra *Viagem ao Rio Grande do Sul*, e Saint-Hilaire (1999); *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*, de Dreys (1990); *Dez anos no Brasil*, Seidler (1980), e *Viagem pela província do Rio Grande do Sul*, Avé-Lallemant (1980). Para analisá-las, recorreremos à metodologia da Análise Textual Discursiva - ATD<sup>3</sup>, proposta por Moraes & Galiazzi (2016), que propõem, a partir de leituras detalhadas do corpus textual, a fragmentação dos elementos relacionados com o objeto de estudo, para, na sequência, proceder à reconstrução dos fragmentos textuais, estabelecendo as relações com base em critérios de semelhança e diferença. A análise dos relatos produzidos por estes viajantes revelou a ocorrência de uma série de doenças que acometiam a população sul-rio-grandense, assim como a relação estabelecida entre enfermidade e consumo alimentar. O texto está organizado em dois tópicos, sendo que, no primeiro, apresentamos os viajantes que percorreram o Rio Grande do Sul durante o período analisado e as obras que resultaram destas viagens, e, no segundo, compartilhamos a análise das diferentes visões que estes europeus tiveram sobre as doenças e as práticas alimentares dos habitantes desta Província no século XIX.

**Palavras-chave:** Viajantes europeus. Saúde. Alimentação. Rio Grande do Sul.

**Abstract:** This text seeks to identify and analyze the relations between health and food in the

---

<sup>1</sup> Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Professor e coordenador do curso de Gastronomia da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: [evertonsimon@gmail.com](mailto:evertonsimon@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em História pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: [ecdfleck@terra.com.br](mailto:ecdfleck@terra.com.br)

<sup>3</sup> A metodologia da Análise Textual Discursiva propõe, a partir de leituras detalhadas do *corpus* textual, a fragmentação dos elementos relacionados com o objeto de estudo, para, na sequência, proceder à reconstrução dos fragmentos textuais, estabelecendo as relações com base em critérios de semelhança e diferença, favorecendo, desta forma, uma visão renovada e um novo entendimento dos fenômenos e discursos investigados.

nineteenth-century Rio Grande do Sul, from the narratives of four European travelers, two French and two German, namely, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler and Robert Avé-Lallemant, who traveled through different regions of this province during the period of 1817 to 1858. We sought to identify the medical assumptions on which the travelers relied to consider a particular (in)salubrious region, as well as the foods and/or practices which, according to them, were associated with certain diseases or healing practices. The narratives analyzed were the work *Journey to Rio Grande do Sul*, by Saint-Hilaire (1999); *Descriptive News of the Rio Grande Province of São Pedro do Sul*, by Dreys (1990); *Ten years in Brazil*, Seidler (1980), and *Travel through the province of Rio Grande do Sul*, Avé-Lallemant (1980). To analyze them, we resort to the methodology of discursive textual analysis, proposed by Moraes & Galiuzzi (2016), which offer, from detailed readings of the textual corpus, the fragmentation of the elements related to the object of study, in order to, then, reconstruct the textual fragments, establishing the relationships based on similarity and difference criteria. The analysis of the reports produced by these travelers revealed the occurrence of a variety of diseases that affected the population of Rio Grande do Sul, as well as the relationship established between sickness and food consumption. The text is organized in two topics, and in the first, we present the travelers who journeyed through Rio Grande do Sul during the period analyzed and the works that resulted from these trips, and, in the second, we share the analysis of the different views that these Europeans had about the diseases and food practices of the inhabitants of this province in the nineteenth century.

**Keywords:** European travellers. Health. Food. Rio Grande do Sul.

### **As viagens de Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant pelo interior da província<sup>4</sup>**

A circulação de viajantes estrangeiros no território brasileiro durante o período colonial, especialmente até o século XVIII, foi muito restrita. Nesse período, Portugal mantinha o controle do acesso ao território brasileiro e proibia a entrada de estrangeiros como forma de reter, apenas para si, o máximo de informações sobre os potenciais e as riquezas da colônia e de conter as eventuais pretensões sobre suas terras. (LEITE, 1996). Essa circulação esteve vedada, principalmente, aos viajantes estrangeiros que não tinham interesses ou ligações com a Coroa Portuguesa e/ou a Igreja, devido à “política comercial expansionista” e à prática exclusivista de “exploração adotada por Portugal” ainda nos primeiros séculos da colônia. (LEITE, 1996. p. 41).

---

<sup>4</sup> Este texto contempla aspectos abordados em minha tese de doutorado, intitulada “Do garfo à pena: uma história da alimentação do Rio Grande do Sul a partir de relatos de viajantes oitocentistas (1817-1858)”, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eliane Cristina Deckmann Fleck, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Tese disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8861>.

Em razão desse controle, o Brasil manteve-se, por muito tempo, “pouco conhecido, com exceção da sua orla marítima que, pela contingência da navegação e situação portuária, foi esporadicamente visitado e estudado”. (LEITE, 1997, p. 141). A mudança da corte para o Brasil, em 1808, promoveu uma série de transformações tanto em sua organização interna, quanto nas relações com as nações estrangeiras. A curta permanência da Corte portuguesa em Salvador foi importante, sendo que uma das mais relevantes medidas tomadas pelo príncipe português foi a abertura aos portos às nações amigas, através da promulgação da Carta Régia, em 28 de janeiro de 1808. (ALGRANTI, 1993; LEITE, 1996; LEITE, 1997; LISBOA, 1997; PICCOLI, 2009). Sob essa medida, é importante destacar que “abertura dos portos foi de grande importância para o desenvolvimento do país, pois ampliou as relações, introduziu gente e ideias novas” instituindo outros hábitos e costumes a partir do significativo número de estrangeiros que visitavam o país com objetivos variados. (ALGRANTI, 1993, p. 28-29).

Piccoli (2009), por sua vez, destaca que o decreto de abertura dos portos também revogou a proibição de entrada de estrangeiros no país, norma que vigorou por, aproximadamente, trezentos anos. Os portos brasileiros, principalmente o do Rio de Janeiro, ficaram mais movimentados, sendo perceptíveis as constantes movimentações de estrangeiros, algo inimaginável antes da abertura dos portos. (LEITE, 1996). Além disso, a política de acolhimento e incentivo à chegada de missões científicas adotada pelo Governo possibilitou a crescente movimentação de viajantes pelos portos do Brasil.

Os estrangeiros que passaram a circular em maior número vinham de diversas regiões do mundo, “do Oriente, da América do Norte e Central, das Ilhas Mediterrâneas, da África, da Ásia e, também, da Europa”. (LEITE, 1996, p. 45). Em meio à profusão das nacionalidades, destacavam-se, conforme Lisboa (1997), os ingleses, devido aos privilégios comerciais que desfrutavam com o Brasil, resultantes do Tratado de 1810, e da significativa influência que passaram a exercer em termos econômicos e culturais. Consecutivamente a esta circulação de estrangeiros por várias províncias da América portuguesa, teve início a produção de uma série de narrativas “sobre o Brasil, escritas por viajantes de várias procedências, engajados ou não em missões científicas, e que se

propunham a estudar o País e a interpretá-lo para o resto do mundo”. (LEITE, 1996, p. 45).<sup>5</sup>

Ao longo de todo o século XVIII<sup>6</sup>, as viagens de naturalistas tornaram-se frequentes, pois os Estados europeus incentivavam o conhecimento das “condições geográficas e climáticas dos territórios coloniais com o objetivo de incrementar a exploração” [...] “suas descrições, assim como as de todos os viajantes que passavam pela América, serviam para alimentar a curiosidade europeia pelo inusitado e exótico”. (FLECK, 2006, p. 292).

Foi, contudo, ao longo do século XIX que a Província do Rio Grande do Sul passou a ser um destino frequente para viajantes estrangeiros, inseridos em um novo momento da exploração dos territórios coloniais americanos pelas nações europeias. (BARRETO, 1976; FLECK, 2006). Entre os viajantes europeus que estiveram no Rio Grande do Sul, no século XIX, se encontravam franceses e alemães. Os primeiros estiveram, segundo Fleck (2006, p. 296), empenhados na “busca de maior contato com a natureza, da qual se sentiam banidos” em seus locais de origem, organizando suas expedições a partir de “critérios de cientificidade e de utilidade [que] vigoravam nos meios oficiais e acadêmicos”, razão pela qual seus relatos são marcados por uma “retórica utilitarista”. Já os alemães, foram, em sua maioria, oficiais, que se deslocaram para a região devido às guerras com as repúblicas do Prata e ao processo de colonização alemã. (ZUBARAN, 1999). Muitos deles se encarregaram de, através de seus relatos, construir certas imagens sobre o extremo sul da América portuguesa que viriam a ser difundidas entre aqueles interessados em emigrar.

Na continuidade, reconstituímos brevemente a biografia dos quatro viajantes que selecionamos, reconstruímos os itinerários de suas viagens e apontamos para suas condições e motivações, bem como apresentamos as obras que resultaram de suas expedições ao extremo sul do Brasil.

---

<sup>5</sup>Vale lembrar que em suas viagens, os viajantes observaram, descreveram e classificaram o mundo social, “refletindo, por comparação, sobre a vida cotidiana do grupo visitado, tomando consciência das dificuldades para a compreensão desse grupo”. (LEITE, 1997, p.15).

<sup>6</sup>Desde o século XVII, funcionários, padres, engenheiros, militares, tropeiros e aventureiros cruzaram o território do extremo sul da América portuguesa a fim de levantar informações sobre a geografia, a natureza e os habitantes da região, a fim de descrever as riquezas da terra e suas potencialidades. (FLECK, 2006).

Nicolau Dreys foi, dentre os viajantes franceses, o primeiro a percorrer o atual estado do Rio Grande do Sul. Ao chegar ao Brasil, em 1817, acompanhado de sua esposa e de sua filha, estabeleceu-se, inicialmente, como comerciante no Rio de Janeiro. Posteriormente, exerceu atividades comerciais em Porto Alegre e, também, na cidade de Rio Grande, onde permaneceu até 1827.<sup>7</sup> Durante os dez anos em que esteve no Rio Grande do Sul, o viajante testemunhou uma série de acontecimentos ocorridos na província neste período. Como resultado de suas experiências e impressões, o viajante publicou, em 1839<sup>8</sup>, o livro *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*.

A expedição de Auguste François César Prouvensal de Saint-Hilaire ao Brasil se iniciou em 1816<sup>9</sup>. O viajante francês realizou cinco grandes viagens no território brasileiro, durante as quais fez preciosas coleções, especialmente de plantas e animais, se dedicando não apenas às Ciências Naturais, mas, também, a aspectos da História, da Geografia e da Etnografia. Os registros das experiências na Província foram publicados na obra *Voyage à Rio Grande do Sul (Brésil)*, em 1887<sup>10</sup>. A viagem ao Rio Grande do Sul ocorreu entre 1820 e 1821<sup>11</sup>.

O viajante suíço Carl Friedrich Gustav Seidler chegou ao Brasil nos primeiros meses de 1826. Durante sua estada na capital do Império, o viajante dedicou-se a observar a política imperial, a natureza, o clima, a população, os costumes, a agricultura

---

<sup>7</sup>Nos anos de 1827-1828 viveu em Santa Catarina, e, em 1829, mudou-se para Iguape, em São Paulo, lá permanecendo até 1837. Neste ano, instalou-se, definitivamente no Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 23 de janeiro de 1843. (BARRETO, 1976).

<sup>8</sup>Apesar de a obra ter sido publicada em 1839, ela começou a circular no Brasil somente em 1840. Vale lembrar que Dreys queixou-se dos elevados custos de produção tipográfica e das políticas editoriais do mercado brasileiro, razão pela qual recorreu ao mercado editorial europeu.

<sup>9</sup>Saint-Hilaire viajou ao Brasil “acompanhando a missão extraordinária do duque de Luxemburgo, cujo objetivo era resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse legítima da Guiana”. (FLECK, 2006, p. 297). A viagem estava vinculada àquilo que Romano descreve como “o grande projeto do *Muséum*”, que colocou Paris em evidência no âmbito das ciências naturais, transformando-a na capital mundial dos conhecimentos naturalistas, quanto também de “regimes políticos”. (ROMANO, 2016, p. 26). Acompanhado do zoólogo Pierre Antonie Delalande e do décimo primeiro Duque de Luxemburgo, Charles Emmanuel Sigismond de Montmorency-Luxembourg, embaixador da França, Saint-Hilaire desembarcou no porto da cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1816. Vale lembrar que estas iniciativas se deram “na esteira da queda do império napoleônico e da recomposição da ordem internacional traçada pelos tratados de Viena”, enquanto Portugal, certamente, convivía com as tomadas de consciências coloniais, inspiradas na Revolução Francesa, dentro do próprio Império Português. (LEITE, 1996, p. 64; ROMANO, 2016, p. 26).

<sup>10</sup>Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821). 2ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

<sup>11</sup>Sua chegada se deu por Torres, no litoral norte, em 05 de junho de 1820, tendo percorrido diversas localidades antes de seguir para a Província Cisplatina. O retorno ao Rio Grande do Sul ocorreu em 27 de janeiro de 1821, sendo que em meados de maio de 1821 deixou a província pelo porto de Rio Grande.

e as doenças mais frequentes da capital do Império. Com o passar de alguns dias, preocupado com sua manutenção no Rio de Janeiro, encaminhou requerimento ao Imperador e, “no caso deste não me conceder prontamente o emprego, [devo] regressar sem demora à Europa”. (SEIDLER, 1980, p. 83). Dias depois, Seidler seria integrado ao exército de Dom Pedro I, no 27º Batalhão de Caçadores<sup>12</sup>. Em novembro de 1826, embarcou imediatamente com destino à região. Durante os dois anos em que percorreu a província do Rio Grande do Sul, além de participar da guerra Cisplatina e da Batalha do Passo do Rosário, Seidler passou por diversas cidades<sup>13</sup> e fez inúmeros apontamentos. Após seu retorno à Europa, o viajante escreveu duas obras sobre o Brasil<sup>14 15</sup>.

Robert Christian Berthold Avé-Lallemant decidiu viajar ao Brasil, onde viviam dois de seus irmãos, sendo que um deles era pastor luterano<sup>16</sup>, e, o outro, comerciante, logo após a conclusão dos estudos de Medicina. O médico Avé-Lallemant esteve no Brasil em dois períodos distintos<sup>17</sup>, de 1837 a 1855 e de 1857<sup>18</sup> a 1859. A viagem ao Rio

---

<sup>12</sup>Entretanto, considera-se relevante destacar que, de acordo com professor de História Militar Coronel F. de Paula Cidade, responsável pela introdução e notas da obra do viajante, ele “[...] não figura nas relações de mostra, organizadas no Passo de S. Lourenço, após a retirada de fevereiro de 1827, nem como oficial nem como sargento ou soldado. (SEIDLER, 1980, p. 86).

<sup>13</sup>Finalizados os embates, retornou para a capital da província, percorrendo o litoral norte até alcançar a margem do rio Mampituba, que divide o estado do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, de onde seguiu para o Rio de Janeiro, e, mais tarde, definitivamente, para a Europa.

<sup>14</sup>A primeira intitulada “*Zehn Jahre in Brasilien während der Regierung Dom Pedro's und nach dessen Entthronung: Mit besonderer Hinsicht auf das Schicksal der ausländischen Truppen und der deutschen Colonisten*”, publicada em 1835, em dois volumes, pela editora G. Basse, em Leipzig. (BARRETO, 1976, p. 1251-1252).

<sup>15</sup>No Brasil, o livro intitulado “Dez anos no Brasil” foi publicado em 1941, pela Editora e Livraria Martins. Esta obra foi republicada em 1980, a partir de uma parceria da editora Itatiaia com EDUSP, na coleção intitulada Reconquista do Brasil, dirigida por Mário Guimarães Ferri, da Universidade de São Paulo.

<sup>16</sup>Acreditamos que Hantzsck (1902) esteja fazendo referência ao Pastor Frederico Avé-Lallemant, (Georg Friedrich Ludwig Avé-Lallemant), que celebrou no dia 29 de agosto de 1845, na Praça Koblenz, na cidade de Petrópolis – Rio de Janeiro, um culto para os recém-chegados colonos alemães. COSTA, Márcio Simões. Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Petrópolis: 157 Anos de Nossa História - 1845 a 2002. 2002. Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/petropolis-rj/157-anos-de-nossa-historia-1845-a-2002](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/petropolis-rj/157-anos-de-nossa-historia-1845-a-2002)>. Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>17</sup>O primeiro compreendeu dezessete anos ininterruptos, entre 1837 e 1855. Nesse período, o médico viajante juntou-se ao corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia do estado do Rio de Janeiro. O segundo momento ocorreu quando Robert sentiu-se atraído pela notícia de uma “grandiosa expedição de circunavegação” que estava estampada em todos os jornais alemães de 1857. (AVÉ-LALLEMANT, 1980). Foi então que o médico aventureiro resolveu engajar-se na expedição de circunavegação da Real e Imperial Fragata Austríaca Novara.

<sup>18</sup>Para Avé-Lallemant, 5 de agosto de 1857, não significou apenas mais uma parada estratégica da expedição Novara, mas o fim da participação de Robert Avé-Lallemant, que, alegando motivos pessoais, pediu demissão. Sabe-se que sua demissão, alguns meses depois, proporcionaria “[...] uma bela indenização para mim”, que possibilitou que empreendesse “uma viagem através das mais admiráveis províncias do Brasil. Ninguém talvez poderia empreendê-la com tanta facilidade, organizá-la com tanta segurança quanto eu”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 89).

Grande do Sul se iniciou no dia 16 de fevereiro de 1858, a bordo do paquete Imperatriz, da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, sendo que a chegada ao território sulino ocorreu no dia 22 de fevereiro, pelo porto de Rio Grande. No dia 22 de maio de 1858, ele partiu para a província de Santa Catarina, de onde deu continuidade à sua viagem pelo interior do Brasil<sup>19</sup>. Da sistematização de suas observações e registros resultaram as obras *Reise durch Sud-Brasilien im jahre: 1858* e *Reise durch Nord-Brasilien im jahre: 1859*, nos anos de 1859 e 1860 respectivamente<sup>20</sup>. Avé-Lallemant publicou, sob o título de *Viagem pelo Sul do Brasil*<sup>21</sup>.

No período que se estende de 1817 a 1858, Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire, Carl Seidler e Robert Avé-Lallemant percorreram diversas regiões do atual Rio Grande de Sul, descrevendo sua fauna e flora, vida social e política, costumes e práticas alimentares. Suas obras, além de terem atraído a atenção de leitores ávidos pelo exótico e desejosos de conhecer os costumes de outros povos, contribuem significativamente para a reconstituição das práticas sociais da população sul-rio-grandense das primeiras décadas do Oitocentos como procuramos demonstrar no próximo tópico.

### **Saúde e alimentação no Rio Grande do Sul oitocentista**

Este tópico tem o propósito de analisar a relação entre a saúde e as práticas alimentares observados pelos viajantes. Nele, pretendemos, além de inventariar as moléstias identificadas, compreender como os viajantes as descreveram e quais delas, possivelmente, tinham, na sua percepção, alguma relação com as práticas alimentares da população.

Durante as incursões dos viajantes pela Província, identificamos algumas observações relacionadas à saúde pública e à salubridade das regiões por eles visitadas.

---

<sup>19</sup>Após sua passagem por Santa Catarina, o viajante seguiu viagem para Paraná e São Paulo, até regressar ao Rio de Janeiro, em 2 de outubro de 1858. Em novembro daquele ano, deu início à segunda etapa da sua jornada, dessa vez em direção às províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Não fica evidente quando se deu seu retorno à Alemanha, pois a obra que versa sobre as viagens pela região Nordeste se encerra quando o viajante, ainda na província de Pernambuco, recebeu, com grande tristeza, a notícia do falecimento de seu amigo Alexandre Von Humboldt. O retorno definitivo para a Europa ocorreu em Pernambuco, no ano de 1859, quando a bordo do vapor inglês Tyne, viajou para Lisboa e, posteriormente, para Lübeck. Barreto (1976, p. 83) observa que, com exceção de uma excursão ao Egito, “quando da abertura do canal de Suez”, o viajante se estabeleceu em sua terra natal após o retorno da América.

<sup>20</sup>Pela editora F.A Brockhaus, de Leipzig. A primeira obra foi organizada em dois tomos.

<sup>21</sup>No Brasil, *Reise durch Sud-Brasilien* foi publicada/traduzida somente no ano de 1953, isto é, aproximadamente 94 anos após a publicação na Alemanha.

Nesses registros é possível perceber um forte indício de percepções condicionadas às experiências de viagens anteriores, principalmente, por aqueles viajantes que haviam estado antes na capital do Império, o Rio de Janeiro. Dreys, ao analisar e registrar os aspectos sanitários da Província, revela algumas das doenças que assolavam as regiões costeiras do país.

[...] Rio Grande goza de um estado sanitário tão satisfatório como inalterável. [...] quando toda a costa do Brasil é periodicamente assolada pelas febres intermitentes (sezões, maleitas) e pelas diarreias sanguinolentas (câmaras de sangue). (DREYS, 1990, p. 131).

Seidler (1980, p. 96), por sua vez, acrescenta que “doenças quase não se conhecem, nem mesmo as erupções de pele, tão comuns no Rio de Janeiro”, com exceção de um caso de tifo acometido em estrangeiros recém-chegados, situação descrita pelo viajante como um caso esporádico, “sem coincidência alguma com o estado medical dos ares, das águas e dos lugares”. (DREYS, 1990, p. 131).

Observando atentamente os registros dos viajantes, é possível constatar que eles apresentam convergências no que se refere aos surtos de doenças, ou seja, vinculavam o clima e a proximidade do mar com determinadas doenças ou surtos epidêmicos. Para Nikelen Witter (2007, p. 242), “os observadores referiam-se à salubridade como tocante a situações ambientais favoráveis à saúde”. A percepção de salubridade era definida “como a presença de bons ares, boas águas e pela não ocorrência de febre ou outros males debilitantes. (WITTER, 2007, p. 242). Nessa perspectiva, Couto (2015) destaca que esses registros dos viajantes podem estar condicionados a duas perspectivas de análise: o clima e a geografia do local observado. Segundo Couto (2015, p. 58), a relação entre clima e saúde não é nova, pois “desde a antiguidade grega, médicos e pacientes não hesitavam em correlacionar o clima à ocorrência de doenças”. Em seu estudo sobre as enfermidades que assolavam o Rio de Janeiro, no período entre 1822 e 1889, a autora revela como as compreensões presentes nos tratados médicos por ela analisados, evidenciavam que a existência de

doenças endêmicas era compreendida em relação à topografia e ao clima, bem como os surtos epidêmicos – em que as mudanças climáticas relacionadas às estações eram vistas como causas determinantes do aparecimento generalizado e inesperado de doenças. (COUTO, 2015, p. 58).



Essas relações entre clima, ambiente, topografia da cidade e saúde foram identificadas também nos registros de Saint-Hilaire, que descreve, bastante admirado, a forma como a população da região enfrentava os dias mais frios. A esse respeito, o viajante francês destacou que durante a

friagem do momento notei que todas as portas e janelas estavam abertas. Os moradores desta região são menos sensíveis às intempéries que nós. Apesar das geadas quotidianas, não há aquecimento artificial nas casas, nem meio de o fazer. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 27).

Ao mencionar a circulação de ar frio e úmido nas residências e a falta de sistemas de aquecimento, como lareiras e/ou fogões à lenha, o viajante francês não deixou de manifestar sua surpresa diante do despreparo das casas. Conforme destaca Witter (2007, p. 249), “a estação fria era vista como uma época em que inúmeras doenças podiam se manifestar”<sup>22</sup>.

Em alguns trechos de sua narrativa, Saint-Hilaire (1999, p. 36) deixou evidente que as bruscas mudanças de temperaturas, que ocorriam, principalmente, entre as estações de outono e inverno, tornavam-se fatores que contribuíam para o surgimento das “constipações” e das “doenças do peito e da garganta e os reumatismos, que provêm das contínuas mudanças de temperatura”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 58). Ao se referir ao inverno, ele acrescenta que “nessa estação o tétano se manifesta frequentemente, mormente em seguida a um ferimento”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 36).

Avé-Lallemant (1980, p. 159) durante a estada em Porto Alegre, também nos oferece informações sobre a localização geográfica da cidade, que apresentava “[...] situação em declive para todos os lados, está sempre limpa e seca, lavada pela chuva, varrida pelo vento”. O médico-viajante acrescentou que, “baseando-se em teorias, poder-se-ia pensar que a exalação de muitas depressões trouxesse malária à cidade ou talvez provocasse muita febre intermitente. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 159). Para Avé-Lallemant, portanto, certas doenças se viam favorecidas por aspectos da geografia que podiam dificultar e impedir a circulação de ar. (ROSEN, 1994; COUTO, 2015)<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup>Essa característica da população de enfrentamento e resistência ao frio foi analisada por Witter (2007, p. 250) em sua tese de doutoramento, que a interpretou “como um esforço destes homens e mulheres de acostumarem-se às intempéries como forma de forçar a resistência a elas”.

<sup>23</sup>Cabe destacar que não localizamos nos apontamentos de Saint-Hilaire a incidência de doenças ocasionadas por altas temperaturas, aspecto que Dreys observou ser bastante comum nas áreas litorâneas.

Esses locais mais altos, com situação de declive e escoamento para todos os lados, tornavam-se estratégicos, ao que parece, para o estabelecimento de espaços destinados aos cuidados de saúde. Acreditamos que esse lugar mais elevado na cidade de Porto Alegre, ao qual o médico viajante se referiu sem muito detalhamento em sua narrativa, ficasse nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia. Essa mesma relação de salubridade e de topografia foi abordada por Saint-Hilaire (1999, p. 56), que, ao visitar os arredores da capital, apontou a melhor localização – em um ponto mais elevado da cidade – para a construção de um hospital/casa de saúde:

Fora da cidade, sobre um dos pontos mais elevados da colina, onde ela se acha construída, iniciou-se a construção de um hospital, cujas proporções são tão grandes, que provavelmente não seja terminado tão cedo; mas a sua posição foi escolhida com rara felicidade, porque é bem arejado, bastante afastado da cidade, para evitar contágios; ao mesmo tempo muito próximo para que os doentes fiquem ao alcance de socorro de qualquer espécie.

Podemos observar essa mesma associação na obra escrita pelo médico Avé-Lallemant (1980, p. 338) quando este, ao percorrer a região de Caçapava, informou que a cidade apresenta “[...] ar excelente e água potável e é muito salubre”. Cabe destacar ainda que Avé-Lallemant (1980, p. 159) revelou que, durante a viagem pela Província, realizou alguns contatos com “[...] vários médicos distintos, a quem interroguei, contestaram-no e declaram que até então o lugar era muito salubre”. Os registros dos viajantes apontam para um entendimento de salubridade, fundamentado, ainda, em uma crença Setecentista que, segundo Witter (2007, p. 242), baseava-se na “presença de bons ares, boas águas e pela não ocorrência de febres ou outros males debilitantes”.

Essas reflexões sobre a percepção de salubridade nas obras dos viajantes nos remetem ao texto hipocrático *Ares, águas e lugares*, considerado um dos primeiros tratados de medicina a “[...] apresentar as relações causais entre fatores de meio físico e doença e, por mais de dois mil anos [tem sido] o texto epidemiológico essencial, o sustentáculo teórico para a compreensão das doenças endêmicas e epidêmicas”. (ROSEN, 1994, p. 37). Nesse texto, o ar era considerado uma influência direta sobre a saúde da população,

por veicular miasmas ou porque as qualidades do ar frio, quente, seco ou úmido em demasia se comunicavam ao organismo ou, finalmente, porque se pensava

que o ar agia diretamente por ação mecânica, por pressão direta ao corpo. (VIOTTI, 2012, p. 83).

A princípio e, na comparação com as outras províncias brasileiras, a Província foi considerada salubre pelos viajantes<sup>24</sup>. É importante, no entanto, discutir essa percepção, a partir de um mapeamento das regiões efetivamente por eles percorridas. Nicolau Dreys foi o primeiro a percorrer a Província e, em seus relatos, localizamos cinco registros a esse respeito. Sua narrativa possui características mais informativas, sem detalhamento dos locais que percorreu e das datas, portanto, tomamos a liberdade de considerar que seus registros foram feitos da capital da província, Porto Alegre. Já nos registros de Saint-Hilaire, Seidler e Avé-Lallemant foi possível mapear as regiões a que cada viajante se referiu ao mencionar aspectos de salubridade. Esses locais, em grande medida, situavam-se nas proximidades da capital e nas charqueadas nos arredores de Rio Grande e de Pelotas.

Quanto às doenças, constatamos que os viajantes fazem referência a disenterias, diarreias, cólera<sup>25</sup>, varíola, sarna, tétano/ferimentos, doenças de estômago, constipações, sífilis, tifo, febres intermitentes, febre amarela<sup>26</sup>, erupções de pele, malária, papeira/caxumba, doenças de peito, doenças de olhos, doenças endêmicas, elefantíase grega e envenenamentos. Ao analisarmos os registros que trazem informações sobre essas doenças, inferimos que elas não deveriam acometer grandes grupos populacionais, pois não foram referidas pelos viajantes como epidemias ou, até mesmo, como pandemias, usualmente associadas às enfermidades que ocorriam na capital do Império.

Dentre os registros que apontam para possíveis associações entre as doenças e as práticas alimentares da população, destacamos uma situação descrita por Dreys (1990, p. 130), que informou que “o regime alimentar do rio-grandense é o mais conveniente para entreter o vigor e boa saúde, cujas aparências caracterizam as feições da maioria da população”. Seidler (1980, p. 102) teve a mesma impressão, pois, ao descrever os hábitos

---

<sup>24</sup>Nessa perspectiva, podemos olhar para os registros dos viajantes como uma prática de divulgação de uma salubridade adequada para aqueles que desejavam percorrer esses lugares desconhecidos ou até mesmo imigrar, como foi o caso de muitos homens e mulheres que aqui chegaram, a partir do século XIX.

<sup>25</sup>“A cólera pandêmica que, em 1855, assolou o Brasil, também espalhou aqui a morte e o espanto” afirmou Avé-Lallemant (1980, p. 385). Para mais informações a respeito da pandemia de cólera na Província, recomendamos ver Witter (2007).

<sup>26</sup>De acordo com Avé-Lallemant, “a febre amarela nunca chegou até a Porto Alegre, nem se tornou doença da costa da Província”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 385).

alimentares carnívoros praticados pela população, afirmou que “[...] não admira, assim, que essa gente seja tão sadia e robusta”. Dreys (1990, p. 133) ainda acrescenta que “os exemplos de longevidade não são raros no Rio Grande”, o que parece apontar para a vinculação entre saúde e práticas alimentares da população.

Ao percorrer a região sul da Província, em 1820, Saint-Hilaire (1999, p. 33) relatou a presença de muitos milicianos estacionados na fronteira da Capitania “[...] em número de 3000 homens, compostas de milicianos da região e de uma legião de paulistas”. Esses milicianos descritos pelo viajante francês, ao que tudo indica, participavam dos conflitos contra Artigas, que culminariam na conquista da Banda Oriental<sup>27</sup>.

Além de descrever os conflitos, o viajante francês mencionou os atrasos no pagamento dos soldos, a condição de vida dos combatentes e a falta ou redução das rações básicas que, naquele momento, limitavam-se “[...] unicamente [ao consumo] de carne assada, sem pão, sem farinha e sem sal”. As rações desses combatentes compreendiam, para cada homem, “[...] quatro libras de carne por dia, e somente constituída pelas partes mais gordas e mais carnudas dos animais”. O viajante destaca ainda que os combatentes da região “estão facilmente acostumados a esse regime que pouco difere de seu modo normal de viver”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 33). O referido regime, provavelmente, fosse aquele que o viajante observou durante suas primeiras impressões da Província, ao indicar que “ao entrar nesta Capitania verifiquei logo os hábitos carnívoros de seus habitantes [...] e ao entrar nas casas das fazendas sente-se logo o cheiro de carne e gordura”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 30). Para o viajante francês, as práticas alimentares carnívoras dos

[...] habitantes desta Capitania os tornava cruéis e sanguinários. Na batalha de Taquarembó eles massacraram impiedosamente mulheres e crianças e teriam todos os prisioneiros se os oficiais a isso não se opusessem. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 38).

---

<sup>27</sup>Conforme Guazzeli (2004, p. 93) “traduziu-se, pelo menos de início, numa situação em que conjugaram-se os interesses da Corte portuguesa e dos estancieiros do Rio Grande de São Pedro. A política bragantina, por um lado, ampliava as possessões portuguesas na América, ao mesmo tempo em que refreava os ímpetus republicanos que vinham do Prata; os riograndenses, por outro, viam a possibilidade de ampliarem suas estâncias e rebanhos”.

No episódio citado, percebe-se que Saint-Hilaire associou o consumo de carne à brutalidade dos combatentes, traço de uma personalidade que seria fortalecido pelos hábitos carnívoros. Por outro lado, entre os paulistas, o viajante destacou a possibilidade do aparecimento de “[...] moléstias devido ao excesso de alimentação carnívora, principalmente, disenterias”, por estarem “mais habituados ao uso do feijão e da farinha que ao da carne”. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 33).

Seidler, que participou também desses conflitos da Guerra Cisplatina – e que, sob a mediação dos ingleses, resultou em um acordo de paz e na Independência do Uruguai – revelou os mesmos problemas já apontados por Saint-Hilaire, em 1820. Para Seidler (1980, p. 141), a multidão de militares instalados nos acampamentos e dotados de admirável apetite, “não podia manter-se com a ração de carne, sem verdura, sem pão, sem sal; eles sabiam sempre com o seu laço apanhar algum boi ou terneiro, presa que em poucos instantes era abatida, carneada e assada”. Os registros de Seidler apontaram para um consumo, ao que parece, quase que unicamente de carne, mas não para doenças que decorressem de práticas alimentares.

Durante os conflitos nas regiões fronteiriças no século XIX, conforme Ribeiro (2011, p. 670), as disenterias<sup>28</sup> e demais males gastrointestinais podiam estar associados a diversos fatores, como aqueles decorrentes da falta de higiene durante o abate e “a conseqüente deterioração da qualidade do produto, muitas vezes proveniente de animais que, tangidos até os acampamentos, lá chegavam magros e acometidos de pestes”. Mas a disenteria acometia não apenas os militares<sup>29</sup>, atingindo também os demais habitantes da Província<sup>30</sup>. Nas narrativas que analisamos, sua incidência foi

---

<sup>28</sup> É importante destacar, que, no século XIX, os diagnósticos da disenteria não eram precisos: “Sob a designação disenteria estavam as duas variações da doença, indistinguíveis aos médicos do século XIX. O tipo mais letal era a disenteria bacilar, que provocava nos infectados febres e movimentos intestinais, com vômitos de sangue e muco, e os matava em no máximo quatro dias. A menos contagiosa e menos letal era a disenteria amebiana. Ambas eram transmissíveis em ambientes sujos e pelo consumo de água e alimentos contaminados. (RIBEIRO, 2011, p. 668).

<sup>29</sup>Dillmann, Alves e Torres (2016, p. 362) ressaltam que entre as causas que levavam militares a óbito estavam os “ferimentos decorrentes do combate ou a doenças diversas – febres, disenterias, inflamações, esquinências, tosses, tosses convulsivas, reumatismos, inflamações dos olhos, catarros, esquinências, pleurises, peripneumonias, inflamações nos rins”. Os autores, no entanto, devido aos objetivos de seu estudo, não apresentam as causas das disenterias, as quais, muito provavelmente, sejam as já apontadas por Ribeiro (2011).

<sup>30</sup>Para melhor compreendermos as causas e as formas de propagação de enfermidades na Província ao longo do século XIX, recorreremos a trabalhos como o de Paulo Roberto S. Moreira (2010, p. 78-79), que, em seu estudo sobre a situação dos cativos em Porto Alegre, no período de 1800 a 1888, analisou 15.156 registros de óbitos de cativos ocorridos e registrados entre os anos de 1820 -1884, “sendo 7.095 destes

associada à má qualidade das águas, à alimentação e ao clima/sazonalidade. Sobre a qualidade das águas, Dreys (1990, p. 131) afirmou que “as disenterias aparecem epidemicamente de vez em quando, o que no país se atribui à má qualidade das águas, como no Rio Pardo se dá o mesmo motivo às papeiras, que lá se manifestam em algumas pessoas”. Já Avé-Lallemant considerou a disenteria uma doença do outono<sup>31</sup>. Witter (2007, p. 248), por sua vez, destaca que

por outro lado, o consumo de frutas parece ter preocupado algumas autoridades. Quando se sucediam muitos casos de disenteria na província, os relatórios dos presidentes culpavam, em geral, a má qualidade das águas dos rios próximos às cidades e vilarejos, e o amplo costume de se consumir frutas verdes.

Entendemos que o consumo de frutas verdes deve ser, efetivamente, considerado, tendo em vista as inúmeras menções feitas pelos viajantes a árvores frutíferas, principalmente, a laranjeiras e a pessegueiros<sup>32</sup>.

Já a tuberculose, de acordo com Karasch (2000, p. 213), era a doença que mais matava na capital imperial, e sua transmissão ocorria através de relações sexuais, como também pelos “baixos padrões socioeconômicos, a nutrição deficiente, o forte estresse e o excesso de trabalho eram um convite à tuberculose”. Para Witter (2007, p. 246), os conflitos ocorridos em territórios de fronteira durante a primeira metade do XIX, “provavelmente, e como era comum quando havia a presença de exércitos, espalharam o tifo e aumentaram a incidência da sífilis no sul do Brasil”<sup>33</sup>.

---

coletados junto aos assentamentos de falecimento da paróquia Matriz e 8.061 da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre”, identificou um conjunto de doenças causadoras de mortes de escravos, dentre as quais se encontrava a disenteria. De acordo com Moreira (2010), durante o período analisado, a disenteria causou a morte de 699 escravos. Karasch (2000, p. 213), que estudou a vida dos escravos da capital do Império durante o período de 1808 a 1850, a disenteria era “a segunda maior causa da mortalidade de escravos entre as moléstias infecto-parasíticas”. A disenteria bacilar, “era uma das doenças mais velozes e fatais” [...] era a assassina contagiosa no tráfico e nas prisões da cidade – na verdade, em qualquer lugar sujo no qual os escravos fossem amontoados e água e alimentos fossem contaminados por dejetos humanos”. Já Alberton (2019, p.73), informa que “[...] a doença ceifou a vida de 1.302 indivíduos [...]” na capital entre 1800 e 1835, sendo as causas apresentadas semelhantes àquelas que identificamos, estando associadas ao clima/sazonalidade e à alimentação.

<sup>31</sup>Segundo ele, na região de Caçapava, em “abril de 1857 morreram dela, [...], mais de vinte pessoas”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 385).

<sup>32</sup>Seidler refere que a ingestão desses frutos se dava quando faltavam alimentos nos acampamentos militares. Não identificamos, no entanto, quaisquer relatos do viajante que apontassem para a incidência de problemas gastrointestinais decorrentes desse consumo.

<sup>33</sup>Essas doenças que acompanhavam os militares após o término dos combates e o regresso para diversas cidades transformaram-se em grandes preocupações para com as questões de saúde pública. (WITTER, 2007).

Nas obras que analisamos também encontramos a incidência de tifo e sífilis. Em relação ao tifo, localizamos somente duas menções: a primeira é feita por Dreys (1990, p. 131), que destaca ter presenciado “somente dois casos de tifo, acidentes puramente esporádicos, que ambos caíram em estrangeiros chegados de pouco [...]”. A segunda é de Avé-Lallemant, que, durante sua visita à Colônia de Santo Ângelo, observou que “no depósito eram evidentes alguns casos de tifo. Considero-os antes consequências da viagem marítima e perduráveis influências de bordo do que casos desenvolvidos no local”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 200). Preocupado, o viajante recomendou à população do pequeno vilarejo “[...] desfazer essas aglomerações humanas, levando gente para o ar livre”. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 200).

Ainda a esse respeito, Witter (2007, p. 252) destaca que, “a partir da década de 1840, os governantes começaram a demonstrar uma maior preocupação com as mazelas da urbanização e da quantidade de tropas que grassavam pelo território”. Nesse sentido, tifo, febre escarlatina, bexigas (varíola<sup>34</sup>) e disenterias foram as doenças mais citadas nos relatórios dos presidentes da província, não apenas presentes entre os militares da fronteira, “mas também entre a população das maiores cidades – Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas”. (WITTER, 2007, p. 252).

As narrativas dos viajantes Saint-Hilaire e Avé-Lallemant apontam também para a ocorrência de sífilis na Província. Cabe ressaltar, no entanto, que Saint-Hilaire apenas refere mortes em consequência de doenças venéreas<sup>35</sup>, às quais associamos à sífilis.

---

<sup>34</sup>A varíola, desde o século XVII, foi considerada “o maior dos algozes a castigar as populações ameríndias” seguiu provocando óbitos até as últimas décadas do século XX. (WITTER, 2007, p. 244; ALBERTON, 2019). Alberton (2019, p. 75) acrescenta que essa foi a “segunda causa morte que mais ceifou vidas entre os cidadãos porto alegrenses [...]”. Segundo Alberton, a vacina para a varíola chegou ao Rio Grande do Sul somente após 1820, “quando foram confeccionados planos e regulamentos para o seu estabelecimento”. (2019, p. 76). Consideramos importante frisar que a vacina foi referida apenas por Robert Avé-Lallemant, para quem “[...] apesar de ser ordenada e praticada a vacinação, [a doença] assola às vezes a Província e apresenta formas peculiares”. Esse registro feito nos leva a deduzir que a vacina não alcançava efetivamente todas as regiões da Província. No Brasil oitocentista, a prática da vacinação “remonta ao início do século XIX, sendo feita através da iniciativa de particulares”. Silveira e Marques (2011, p. 390), destacam que isso ocorreu a partir de 1811, quando Dom João VI criou na capital, Rio de Janeiro, a junta Vacínica da Corte, órgão que tornou-se responsável pela “propagação e conservação da vacina no Rio de Janeiro e nas demais Províncias”. [...]. “As referências à vacina e à organização de sua propagação são muito mais frequentes a partir da segunda metade do século, após a criação do Instituto Vacínico do Império (1846) e da Junta de Higiene Pública (1850)”. O combate à varíola a partir da utilização da “vacinação foi apenas uma das medidas recomendadas e postas em prática por intermédio dos agentes do governo e da saúde neste período histórico. Houve, ainda, por exemplo, mudanças físicas na cidade, adaptando-a, aos poucos, às recomendações sanitárias, como as inspeções e quarentenas”. (ALBERTON, 2019, p. 81).

<sup>35</sup>Conforme Carrara (1996, p. 28), “sempre considerada doença do outro, do estrangeiro, entre seus inúmeros nomes, a sífilis foi também conhecida como mal-americano, mal-canadense, mal-céltico, mal-de-

Conforme Saint-Hilaire (1999, p. 165), as mortes estariam associadas ao contato com as índias da região das missões, que “podem ser portadoras desses males, independente de infecção”, avaliação que parece evocar estereótipos e preconceitos que remontam aos tempos coloniais. Já o médico viajante Avé-Lallemant (1980, p. 385), que percorreu o Rio Grande do Sul alguns anos depois do viajante francês, registrou em seu diário

[...] as habituais doenças infantis e afecções agudas de reumatismo etc. que ocorrem mesmo nos distritos mais salubres do mundo. Observei também, nos campos, alguns casos de elefantíase grega e muitos vestígios mais que evidentes de sífilis, a qual torna muito inconveniente o uso de tomar mate em comum. Todavia, diante do grande ato, desaparecem todas as precauções sanitárias.

Como se pode observar, o médico atribuiu ao consumo compartilhado do mate/chimarrão a transmissão infecciosa da sífilis na Província, percepção que se devia à compreensão de que, ao “atingir tais fluidos, por corromper o mais nobre deles, o sangue, que, em sua lenta trajetória no interior do organismo, a doença adquiria um caráter geral, totalizante ou ubíquo”, crença ainda vigente na primeira metade do século XIX. (CARRARA, 1996, p. 35).

Sobre o consumo do mate/chimarrão, vale lembrar que se encontra vinculado às práticas de hospitalidade da população sul-rio-grandenses. Mas é preciso também considerar os benefícios que a bebida proporcionava àqueles que a consumiam após as refeições, por promover e auxiliar na digestão. A esse respeito, Dreys (1990, p.130) destacou que, “na falta do sal, o habitante do centro do Rio Grande facilita a digestão com a erva-mate de que usam incessantemente” por meio da bebida. Saint-Hilaire (1999, p. 83) destacou seu consumo após as refeições e os muitos méritos que devem ser considerados nessa bebida:

[...] dita diurética, própria para combater dores de cabeça, para amenizar os cansaços do viajante e na realidade é provável que seu amargor torne-a estomáquica e por conseguinte necessária em uma região onde se come enorme quantidade de carne, sem os cuidados da perfeita mastigação.

Por essas razões, a bebida era percebida como um

---

nápoles ou mal-napolitano, mal-dos-cristãos, mal-escocês, mal-francês, mal-germânico, mal-ilírico, mal-gálico, mal-polaco, mal-turco, mal-português. Ao que parece, no Brasil, até o século XIX, utilizavam-se sobretudo as expressões mal-venéreo e mal-gálico, ou simplesmente gálico”.



[...] **potente preservativo da saúde**. Capaz de esquentar os corpos no inverno e refrescá-los no verão. **Podia até mesmo enganar a fome**, pois a privação de alguns gêneros não era incomum **neste mundo em que a fartura e a escassez andavam juntas**. (WITTER, 2007, p. 118, grifo nosso).

Em Saint-Hilaire e Avé-Lallemant também encontramos menções ao uso de outras plantas medicinais, além da erva-mate, sendo que Avé-Lallemant foi quem melhor detalhou seu uso e comercialização. O médico-viajante (1980, p. 361) relata que a camomila, “além de várias aplicações medicinais, em que representa benfazejo papel”<sup>36</sup>, possui “maravilhoso perfume. Viajei através de campos de singenesias que me pareceram um mar de aroma”. Já os medicamentos por ele observados e registrados foram “cânfora, amoníaco, arnica, etc.” que estavam em um estabelecimento comercial, nos arredores de Cachoeira do Sul, que vendia também alguns gêneros alimentícios e bebidas como aguardente e vinho. O viajante não traz maiores informações a respeito da origem, forma de comercialização e utilização desses medicamentos. Cabe destacar que essa foi uma das únicas vezes em que percebemos nas narrativas menções sobre a comercialização de medicamentos, o que se devia, muito provavelmente, à escassez de farmácias e de médicos no período analisado. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 196-197).

Sobre esse aspecto, Edler (2006, p. 62) destaca que, durante o período colonial, a medicina estava circunscrita somente aos principais centros urbanos de algumas províncias. Segundo ele, “a assistência médica oficial era acessível para quem se encontrava à margem das confrarias religiosas ou das redes de clientelismo promovidas pelos membros da elite senhorial, por intermédio dos hospitais e Santas Casas de Misericórdia”. O autor ressalta, ainda, que a população dispersa nas áreas rurais não tinha acesso à medicina clínica. É importante considerar que, em 1832, foi criada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em substituição à antiga Academia Médico-Cirúrgica, através da lei de 3 de outubro<sup>37</sup>, em que “a formação médica no ambiente hospitalar tornou-se fundamental”. (EDLER, 2006, p. 62).

---

<sup>36</sup>Avé-Lallemant, infelizmente, não detalha as “várias aplicações medicinais” da camomila.

<sup>37</sup>Essa mesma lei possibilitava a criação do curso de farmacêutico junto às faculdades de medicina do Império mas, também, restrições ao indicar “que ninguém poderia ‘curar, ter botica, ou partejar’ sem título conferido ou aprovado pelas faculdades de medicina, [razão pela qual] muitos proprietários de boticas pagavam farmacêuticos diplomados para dar nome a seus estabelecimentos, prática que se estendeu até o século XX. (EDLER, 2006, p. 67).

Por outro lado, a falta de médicos e farmacêuticos em determinadas regiões no período colonial provocou não apenas uma “distinção social”, na medida em que o “acesso aos produtos das farmácias, boticas e drogarias – muitos deles importados – era quase sempre uma prerrogativa dos brancos ricos”. (EDLER, 2006, p. 80). Nas áreas em que não havia médicos e farmacêuticos, as populações não atendidas “contavam com remédios caseiros, fórmulas feitas com ervas nacionais” e outros produtos<sup>38</sup> recomendados ou administrados por curandeiros, mezinheiros, parteiras, curandeiros, feiticeiros, raizeiros, benzedores, padres, barbeiros e sangradores. (EDLER, 2006, p. 80). Muitos desses medicamentos eram produto das adaptações, conciliando saberes e práticas de cura europeias, indígenas e africanas. Segundo Viotti (2012), as práticas de cura adotadas na Colônia consistiam na utilização de ervas medicinais, amuletos e rituais religiosos, devido ao reduzido número de médicos e profissionais habilitados.

Outro motivo/causa de enfermidade que chamou nossa atenção diz respeito à ocorrência de envenenamentos. Buscou-se, então, identificar quais as causas desses envenenamentos e se elas estavam relacionadas às práticas alimentares ou, então, à intoxicação decorrente da ingestão de alimentos possivelmente impróprios para o consumo. A única passagem que localizamos se refere ao consumo de mel de abelhas selvagens do tipo Lechiguana, na região de Uruguiana, descrito pelo viajante Saint-Hilaire (1999, p. 107). Os demais motivos de envenenamento que localizamos nas narrativas têm relação com picadas de cobras ou, então, com uma determinada terapêutica equivocadamente empregada. Uma das passagens registra que Firmiano – um indígena, companheiro de jornada de Saint-Hilaire – em decorrência de uma picada de cobra. Saint-Hilaire nos oferece informações interessantes sobre práticas curativas, como nessa passagem:

pedi para ver a ferida e reconheci ao lado do tornozelo de um dos pés a marca dos dentes do réptil. **Corri para preparar algumas gotas de álcali, ministrando à vítima quatro gotas em um copo d'água.** Repeti esse tratamento de hora em hora, fazendo deitar o meu índio, sobrevivendo apenas uma ligeira inchação no calcanhar. (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 22, grifo nosso).

---

<sup>38</sup>Didone (2007) nos lembra que bebidas como aguardente, licores e vinhos, associadas com chás, ervas, especiarias, flores, cascas e sementes, eram utilizadas na preparação de soluções e infusões medicamentosas. Havia, certamente, uma produção doméstica de medicamentos e uma larga utilização de ervas medicinais e plantas nativas, sendo que muitas receitas poderiam ter sido aprendidas com as populações indígenas das regiões percorridas pelos viajantes. (FLECK, 2005).

Desta passagem, deduz-se que o viajante naturalista carregava consigo alguns medicamentos que poderiam ser necessários durante as incursões ao interior da Província, em especial, para os efeitos de mordeduras de cobras, certamente bastante frequentes em suas andanças anteriores pelo território do Império brasileiro. Mas havia outros procedimentos terapêuticos indicados para essas situações, como se depreende dessa passagem extraída da narrativa de Avé-Lallemant (1980, p. 188): “um corte de faca atravessado na ferida, deixam-na sangrar fartamente, atam a extremidade, esparzem cinza sobre a ferida e bebem uma infusão de raiz de mil homens”. Além da prática da sangria, que era ainda muito comum no século XIX (VIOTTI, 2012), localizamos a menção ao consumo de uma infusão à base de raiz da planta de mil homens,<sup>39</sup> a fim de conter os espasmos que se seguiam ao envenenamento.

### Considerações finais

Neste artigo, nos propusemos a identificar e discutir as associações que os quatro viajantes, cujas obras analisamos, estabeleceram entre saúde/doença e práticas alimentares, sendo que pudemos observar que muitos deles associaram a incidência de certas enfermidades ao ar, ao clima e à geografia/topografia do local. Poucos foram as menções que vincularam diretamente certos hábitos alimentares a enfermidades. Cabe, no entanto, observar que a disenteria, por exemplo, podia decorrer de hábitos alimentares, não necessariamente, do excesso de carne consumida pela população, mas, também, de outros fatores, como a não adoção de procedimentos higiênicos durante o abate dos animais, o consumo de bovinos acometidos por doenças, e de processos de conservação inadequados, possibilitando a proliferação de microrganismos causadores de patologias alimentares. Como se pôde constatar, apesar das menções feitas pelos viajantes à tuberculose, à sífilis e ao tifo, essas não conseguiram comprometer o discurso da salubridade da província, fundamental para a estratégia propagandística que asseguraria a continuidade do processo imigrantista<sup>40</sup>.

---

<sup>39</sup>Também conhecida como “*Achillea millefolium* L. - macelão, mil em rama, mil folhas, mil homens, sabugueirinho. Todo o vegetal ou folhas, sob forma de infuso, é usado como antiespasmódico” (GRANDI et al. 1989, p. 192).

<sup>40</sup>Cabe destacar que não localizamos nas obras que analisamos qualquer menção a doenças que acometiam os escravizados.

**Referências**

- ALBERTON, Mirele. *"Das Providências, que se tem dado a respeito da saúde Pública":* Enfermidade e ações de combate à varíola na Porto Alegre de início do século XIX (1800 -1835). 2019. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 20019. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7686>>. Acesso em: 06 jul. 2019.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *D. João VI: os bastidores da Independência*. São Paulo: Ática, 1993.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela província do Rio Grande do Sul: 1858*. Belo Horizonte: Itatiaia; 1980.
- BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense: A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976.
- COUTO, Cristiana Loureiro de Mendonça. *Alimentação no Brasil Imperial*. São Paulo: Educ - Fapesp, 2015.
- CARRARA, Sérgio. As mil máscaras da sífilis. In: CARRARA, Sérgio. *Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio Janeiro: Fiocruz, 1996. p. 25-74. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 18 maio 2019.
- DIDONE, Daniela Machado Gonzaga Ferreira. *Saúde, alimentação e medicamentos na província de São Paulo: o olhar de Spix, Martius e Auguste de Saint-Hilaire no início do século XIX*. 2007. 179 p. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Sociologia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 2007.
- DILLMANN, Mauro; ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. Dos modos de ser soldado e capelão na militarizada povoação do Rio Grande do século XVIII. *Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v.9, n. 2, p.349-372, jul. 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5763908.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2019.
- DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.
- EDLER, Flávio Coelho. *Boticas & Farmácias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann. De terra de ninguém à terra de muitos – Olhares viajantes e imagens fundadoras (Do século XVII ao XIX). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 273-307. Cap. 14. V.1.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Sobre feitiços e ritos: enfermidade e cura nas reduções jesuítico-guaranis (Século XVII). *História em Revista: Revista do núcleo de documentação histórica*, Pelotas, v. 11, n. 2, p.1-28, jan. 2005. Trimestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/issue/view/653/showToc>>. Acesso em: 14 maio 2019.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. O Rio Grande de São Pedro na primeira metade do século XIX: Estados-nações e regiões províncias no rio da Prata. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al (Org.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ufrgs, 2004. Cap. 5. p. 91-120.

HANTZSCH, Viktor. *Robert Christian Berthold Avé-Lallemant*. In: ALLGEMEINE Detsche Biographie. 46. ed. Leipzig: Berlag von Dunder & Humblot, 1902. p. 144-146.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808 -1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LAMY, Denis. Auguste de Saint-Hilaire: Biobibliografia. In: LAMY, Denis; PIGNAL, Marc; SARTHOU, Corine; ROMANIUC-NETO, Sergio (Org.). *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botânico francês no Brasil*. Paris: Muséum National D'histoire Naturelle, 2016. Cap. 8. p. 417-473.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem: (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva*. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. "Portanto, os senhores exigindo dos escravos mais do que podem, cometem um homicídio": Vida e morte de indivíduos cativos nos oitocentos através dos registros de óbito (Porto Alegre/RS). *Espaço Plural*, Cascavel - Pr, v. 11, n. 22, p.78-89, jan. 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/4836>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

PICCOLI, Valéria. A presença dos viajantes europeus. In: AMARAL, Sonia Guarita do (Org.). *O Brasil como Império*. São Paulo: Companhia Nacional Editora, 2009. p. 58-85.

RIBEIRO, José Iran. As doenças e as dietas na construção da alteridade entre os integrantes do Exército imperial brasileiro durante a Guerra dos Farrapos. *História*,

*Ciências e Saúde*: Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.661-675, jul. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702011000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000300004)>. Acesso em: 12 maio 2019.

ROMANO, Antonella. Plantas, paisagens, homens: Auguste de Saint-Hilaire, entre a França e Brasil. In: LAMY, Denis; PIGNAL, Marc; SARTHOU, Corine; ROMANIUC-NETO, Sergio (Org.). *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botânico francês no Brasil*. Paris: Muséum National D'histoire Naturelle, 2016. Prefácio. p. 21-29.

ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. São Paulo: Hucitec - Abrasco, 1994. Tradução de Marcos Fernandes da Silva Moreira.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte, MG; São Paulo, SP: Itatiaia: USP, 1980.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; MARQUES, Rita de Cássia. Sobre a varíola e as práticas da vacinação em Minas Gerais (Brasil) no século XIX. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p.387-396, fev. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232011000200003>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011000200003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011000200003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial: (1677- 1808)*. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2012. Disponível em: <[https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao-final\\_ana-carolina-viotti.pdf](https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao-final_ana-carolina-viotti.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2019.

WITTER, Nikelen Acosta. ***Males e epidemias***: sofredores, governantes e curadores no Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX). 2007. 292 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007\\_WITTER\\_Nikelen-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_WITTER_Nikelen-S.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2019.

ZUBARAN, Maria Angélica. Eurocentrismo do testemunho: relatos de viagem no Rio Grande do Sul no século XIX. *Anos 90*, Porto Alegre, v.12, n.3, p.17-33, dezembro, 1999.

Enviado em: 14.10.2019

Aceito em: 02.12.2019